INTERACTION COUNCIL

Centro de Documentação e de Publicações
FUNDAÇÃO CUIDAR O FUTURO

Date: 30 Dezembro '91

To: Vicente Jorge Silva
Director do Jornal "O Público"

Fax No.: 351. 1. 758.71.38

From: Maria de Lourdes
PINTASILGO

Fax No.: 33 - 1 (47 34 74 86)

Message: Caríssimo Vicente:

Bom Ano! Junto segue o artigo que eu estava congeminando quando lhe falei. Gostava muito que o publicasse no dia 31, por razões óbvias.

Se Deus quiser, serei uma colaboradora mais "real" neste próximo ano. Vamos ver. — Como está verificando, a "recriminação" deu bom resultado.

Um grande abraço
M
Maria de Lourdes

Fundação Cuidar o Futuro

Page of pages.

Centro de Documentação e de Publicações
FUNDAÇÃO
CUIDAR
O FUTURO

À MEIA-NOITE, EM DUBROVNIK

Será na Igreja do convento dos Franscicanos, no coração da cidade. Um gesto simbólico apenas: um concerto pela paz. Simbólico o elenco dos artistas : orquestra de câmara francesa, maestro inglês, solista americana (Barbara Hendriks), barítono croata e soprano sérvio. Simbólica a composição dos convidados internacionais: de diferentes países, diferentes actividades, diferentes formas de participação na vida social e cultural. Simbólico o lugar e o momento.

Esta cidade foi um dos pontos altos da cultura europeia. E não só pelos sinais de uma muito longa história. Também, a partir dos anos 50 e durante mais de 30 anos realizaram-se aqui inesquecíveis Festivais de Verão: os ingleses representaram Shakespeare, Béjart trouxe as suas prodigiosas coreografias, grandes nomes de solistas e intérpretes do nosso tempo encheram as noites de verão de Dubrovnik perante um público dos mais cosmopolitas de toda a Europa.

Não esqueço a minha estadia em Dubrovnik, em 1981, para participar num seminário, a convite do vice-Primeiro-Ministro da Federacao jugoslava e do Instituto Cultural de Zagreb. Cada praça era palco de teatro e de ballet, cada Igreja ou Mosteiro era ambiente adequado a concertos e óperas. Todos os recantos pareciam lugares fora do tempo e espantosamente do nosso tempo. As etapas da longa vida da cidade marcadas nas pedras e nessa arquitectura que vinha de outras épocas eram interpeladas pela inconfundível juventude na sua modernidade, a percorrer a cidade, em pequenos grupos.

Fundação Cuidar o Futuro

Hoje, na cidade ouvir-se-á música de novo.
Hoje, na "passagem do ano", o concerto vai dizer o que a diplomacia e a política não conseguem muitas vezes articular: que, face às razões acumuladas para lutar contra o outro, os povos - como os indivíduos - têm de ser convidados a darem-se as mãos. "Darci la mano", de Mozart, em D.Giovanni, será cantado em dueto pelo baritono croata e pela soprano sérvia.

O concerto será à meia-noite e entrará já pelo ano que desponta. Momento simbólico também: o de um gesto gratuito num Ano Novo. A dizer a esperanca de que seja verdadeiramente novo para os povos em guerra. A dizer também, através das culturas várias que de algum modo representamos, que queremos que a paz se gere num horizonte novo, de uma Europa que procura o seu futuro. E, por isso, não queremos que, à volta do conflito intra-jugoslavo se enredem reminiscências de outros momentos históricos nem que o aparecimento de nações que ainda não terminaram o seu processo de solidificação interno, se torne o pretexto para a recomposição de novas hegemonias.

É certo que a Jugoslávia é ela própria também símbolo das clivagens que atravessaram a Europa ao longo da sua História.

Centro de Documentação e de Publicações
FUNDAÇÃO CUIDAR O FUTURO

Por este país onde nos séc. V e VI chegou um único povo, constituido por croatas e servios, passou a fronteira entre Roma e Bizâncio, entre a Igreja Católica e as Igrejas Ortodoxas, entre o Império dos Habsburgos e o Império Otomano, entre o alfabeto latino que ligou todos os povos da Europa Ocidental e Central e o alfabeto cirílico que ligou os eslavos do Norte e do Sul, convertidos por S.Cirilo e S.Metódio. Mas por mais actuais que permaneçam todas as linhas de fractura que atravessam o território jugoslavo elas não podem ser pretexto para a destruição mútua dos povos que hoje a constituem nem para a fractura irreparável da arquitectura que se esboça na Europa.

****

Que fazer, então? Até onde alcanca o gesto simbólico? ~~O que diz, concretamente, este nosso gesto?~~ Como passar do simbólico ao real? Em que actos políticos se pode traduzir?

Vou destacar cinco pontos que têm hoje o acordo daqueles que, sem terem nas mãos a possibilidade da decisão política, analisam a partir da sua experiência, o estado da questão.

1. É indispensável tratar o problema da paz na Jugoslávia *simultaneamente nas várias frentes da cooperação internacional*. Já passou o tempo em que era possível resolver os problemas internacionais numa só instância. Hoje as interfaces das instituições, as suas ligações e a interdependência dos seus atributos próprios são tão importantes como esses mesmos atributos. As questões políticas deixaram de ser do foro de uma só organização internacional.

É por isso que a acção a desenvolver deve ser mantida em simultâneo através da CEE, do Conselho de Segurança da ONU e da CSCE.

2. Assim, a Conferência da Haia tem de assegurar, pela diplomacia e pela pressão da CEE sobre as duas partes, as tréguas necessárias à discussão das condições da paz. Essas conversações têm de chamar à mesa das discussões não só os políticos - que dum lado e doutro vêm ainda da Liga Comunista - mas os intelectuais, historiadores, escritores, que podem dar contributos originais ao processo de paz. É esta uma ocasião privilegiada para o Ocidente mostrar pela prática que o seu entendimento da democracia diz respeito a *todas as forças vivas* de um país.

3. Ao mesmo tempo, é indispensável tirar as consequências do facto de terem sido violados sucessivos compromissos de cessar-fogo. É preciso que o cessar-fogo seja imposto fisicamente, materialmente. Só é possível conseguí-lo com *uma força militar de interposição*.

Fundação Cuidar o Futuro

Centro de Documentação e de Publicações
FUNDAÇÃO
CUIDAR
O FUTURO

Não cabe obviamente no mandato da Conferência da Haia a constituição dessa força. Mas o mecanismo internacional regulador dos conflitos pode ser accionado em qualquer momento: é ao Conselho de Segurança da ONU que cabe a decisão rápida de envio dos "capacetes azuis". Já não é o momento de enviar observadores militares para estudarem a situação - quem foram os observadores militares enviados para o Iraque "para estudarem a situação" antes das decisões terem sido tomadas? Diz o Secretário-Geral cessante da ONU que não estão reunidas as condições para a intervenção da ONU. Esperamos que o Conselho de Segurança diga ao mundo por que razão foi possível chegar a acordo para a intervenção de forças de uma coligacao de Estados-membros no Iraque e não o é eventualmente para uma acção específica das forcas militares da ONU na solução do conflito na Jugoslávia.

As forças de interposição da ONU deveriam elaborar uma estratégia cuidada e tendo em linha de conta todos os factores em jogo. Deveriam começar por se centrar na Bósnia e, a partir desta república, irem alargando "corredores de paz" capazes de estabelecer a distância necessária entre as tropas croatas e sérvias. Isto significa que a função de "manter a paz" das forças da ONU deve ser entendida como função de "fazer a paz", de a construir activamente.

4. Na lógica da cooperação entre as organizações internacionais, a CEE tem de aproximar a Rússia da resolução do problema da Jugoslávia. Os ocidentais nao têm, do ponto de vista da psicologia feita pela história, influência decisiva sobre os sérvios. Já em relação aos russos não é assim. Muitos factores aproximam os sérvios e os russos, em particular a mesma raíz eslava e a mesma tradição ortodoxa. Não é de menosprezar a influência da Rússia sobre o exército sérvio - os acontecimentos dos últimos dias mostram até que ponto o exército jugoslavo está dependente do armamento russo.

Fundação Cuidar o Futuro

É possível que essa aproximação não tenha tido lugar porque, apesar das imensas transformações que se operaram na União Soviética, paira ainda no relacionamento entre as repúblicas que lhe sucederam e o Ocidente como que um vestígio do espírito de Yalta. Ora a instabilidade dos acontecimentos na nova CEI não pode ser impedimento para uma cooperação internacional já que parece claro que a Rússia garante todos os compromissos internacionais assumidos pela União Soviética.

Duas consequências se impõem: convidar a Rússia a participar na Conferência da Haia e incluir tropas russas nos contingentes dos "capacetes azuis".

5. Finalmente, a Europa, face a um conflito que não conseguiu conter, tem de continuar noutro âmbito também as negociações para a paz e para a determinação das novas fronteiras. Daí a necessidade de uma política conjunta com todos os Estados-membros da CSCE e, em particular, com os EUA.

A percepcão que hoje têm muitos croatas - que se sabem fortemente apoiados pela Alemanha - de que "os EUA apoiam os sérvios para porem em questão a unidade política da CEE" tem de ser desmontada pelos factos. A CEE faltam os mecanismos de contenção e arbitragem de conflitos e até uma política comum no que respeita a fronteiras. Se a Europa quer estabelecer de facto um novo modus vivendi, é também no quadro da CSCE, e ao seu mais alto nível, que a questão deve ser discutida e eventualmente negociada.

Centro de Documentação e de Publicações
FUNDAÇÃO
CUIDAR
O FUTURO

****

Este processo exige uma constante capacidade de intervenção e iniciativa nas várias frentes internacionais com mandato para, de formas diferentes, serem seus protagonistas. Trata-se no fundo de uma lideranca tal como a requer o mundo de hoje: ter ideias operacionais, imprimir sentido de direcção, não hesitar em introduzir novas práticas face a um mundo em constante transformação.

Quis o destino que este período da história da Europa coincidisse com a primeira presidência portuguesa da CEE. As duas presidências anteriores - a do Luxemburgo e a dos Países Baixos, estes apesar dos seus excelentes peritos em relações internacionais - saldaram-se, quanto à questão jugoslava, por um fracasso. Pelas repercussões que terá em todo o continente europeu, pelo carácter exemplar de que se reveste para a resolução da convivência entre minorias étnicas e para a definição da nova geografia política da Europa, a questão jugoslava será uma das situações-chave a que terá de responder a presidência portuguesa.

Fundação Cuidar o Futuro

Maria de Lourdes Pintasilgo